

## A Casa de Vidro como espaço expositivo do Instituto Bardi: preservação e ação cultural

ANELLI, Renato; CERAVOLO, Ana Lúcia. A Casa de Vidro como espaço expositivo do Instituto Bardi: preservação e ação cultural. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 2, p. 50-57, dez. 2018

data de submissão: 20/08/2018

data de aceite: 20/09/2018

*The Glass House as an exhibition space of the Bardi Institute: preservation and cultural project*

*La Casa de Vidrio como espacio expositivo del Instituto Bardi: preservación y proyecto cultural*

### Renato L. S. ANELLI

Livre-docente em Arquitetura e Urbanismo; professor titular do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; reanelli@sc.usp.br

### Ana Lúcia CERAVOLO

Doutora em Arquitetura e Urbanismo; pós-doutoranda do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; alceravolo@yahoo.com.br

### Resumo

Desde 2012 a Casa de Vidro, sede do Instituto Bardi, vem recebendo exposições de arte, design e arquitetura. Trata-se de um conjunto de intervenções temporárias em obra tombada pelo Conpresp, Condephaat e Iphan que visam dinamizar seu uso como instituição de apoio à arte e arquitetura, como idealizado por Lina e Pietro Maria Bardi na criação da instituição que leva os seus nomes. As primeiras exposições foram objeto de comunicação no ENANPARQ em São Paulo, em 2014. O Instituto Bardi entende que as exposições constituem um importante componente do projeto cultural concebido pelos seus fundadores. Desde então, a abrangência e frequência das exposições aumentaram, permitindo uma avaliação retrospectiva para subsidiar novos projetos. O principal deles é o Plano de Gestão da Conservação, dentro do projeto Keeping it Modern, da The Getty Foundation.

**Palavras-chave:** Arquitetura Moderna, Casa Museu, Exposição de Arquitetura, Lina Bo Bardi, Pietro Maria Bardi.

### Abstract

Since 2012 the Glass House, venue of the Instituto Bardi, has been receiving art, design and architecture exhibitions. This is a set of temporary interventions in this building, listed by Conpresp, Condephaat and Iphan, aimed at promoting its use as an institution to support art and architecture, as conceived by Lina and Pietro Maria Bardi in the creation of the institution that

bears their names. The first exhibitions were object of a paper at ENANPARQ in São Paulo in 2014. The Instituto Bardi understands that the exhibitions constitute an important component of the cultural project conceived by its founders. Since then, the scope and frequency of the exhibits have increased, allowing a retrospective evaluation to subsidize new projects. The most important of them is the Conservation Management Plan, within The Getty Foundation's Keeping it Modern project.

**Keywords:** Modern Architecture, House Museum, Architecture Exhibits, Lina Bo Bardi, Pietro Maria Bardi.

### Resumen

Desde 2012 la Casa de Vidrio, sede del Instituto Bardi, viene recibiendo exposiciones de arte, diseño y arquitectura. Se trata de un conjunto de intervenciones temporales en obra preservada por el Conpresp, Condephaat e Iphan, que apuntan a dinamizar su uso como institución de apoyo al arte y arquitectura, como ideado por Lina y Pietro Maria Bardi en la creación de la institución que lleva sus nombres. Las primeras exposiciones fueron objeto de comunicación en el ENANPARQ en São Paulo, en 2014. El Instituto Bardi entiende que las exposiciones constituyen un importante componente del proyecto cultural concebido por sus fundadores. Desde entonces, el alcance y la frecuencia de las exposiciones han aumentado, permitiendo una evaluación retrospectiva para subsidiar nuevos proyectos. El principal de ellos es el Plan de Gestión de la Conservación, dentro del proyecto Keeping it Modern, de The Getty Foundation.

**Palabras clave:** Arquitectura Moderna, Casa Museo, Exposición de Arquitectura, Lina Bo Bardi, Pietro Maria Bardi.

### Introdução

Occupada em 1952, a residência do casal Bardi, conhecida como Casa de Vidro, foi o primeiro projeto construído por Lina Bo Bardi no país. Elevada do solo por delgados pilotis tubulares de aço, a plena transparência de três faces da sua sala configura uma situação pouco usual na Arquitetura Moderna Brasileira desse período. A ausência de beirais, brise-soleil e mesmo de cortinas afastava as mediações, propiciando um franca integração interior – exterior. Primeiro constituiu uma plataforma de observação para a paisagem das montanhosas periferias ainda vegetada da zona sul e sudoeste paulistana. Mais tarde, conforme cresceram as árvores do jardim ao seu redor, ofereceu uma imersão tátil na densa vegetação.

Desde as primeiras fotos pode-se observar que a sala era usada como um espaço para ensaios museográficos do casal Bardi (Figura 01). A disposição de móveis e obras de arte de diferentes períodos

e movimentos artísticos constituíram uma extensão da museografia do Museu a Beira do Oceano, contemporâneo ao projeto da Casa de Vidro, e antecipava a museografia do Masp na sua sede à Avenida Paulista. Com o passar dos anos, novas obras adquiridas pelo casal foram sendo agregadas ao espaço da sala, misturando-se aos sinais da vida cotidiana doméstica. Sendo Pietro Maria Bardi um negociante de arte, é natural que certas obras desaparecessem entre uma foto e outra.

O Instituto Lina Bo e P. M. Bardi havia sido fundado como entidade privada sem fins lucrativos em 1990, inicialmente com a denominação de Instituto Quadrante, assumindo o nome atual em 1993 (Ceravolo e Anelli, 2017). Para o início de suas atividades recebendo como *endowment* os recursos obtidos com a venda de um quadro de Goya da coleção do casal. O objetivo era o de promoção da arte e da cultura brasileira, dando continuidade às atividades do casal ainda em vida.



Figura 1 | Foto interior da sala para fora  
Fonte: Foto Chico Albuquerque (Acervo Instituto Bardi)

### As casas, o Instituto e sua missão

Como se sabe, essa relação entre vida e coleção foi interrompida com o falecimento do casal. Após a morte de Lina em 1992, Pietro herdou seu espólio, pois não tinham filhos. No entanto, Pietro tinha herdeiros do casamento anterior, os quais reclamaram sua parte na herança após seu falecimento em 1999, mesmo tendo elas sido doadas ao Instituto Lina Bo e P. M. Bardi em 1995. Obras e mobiliários foram removidos, não permitindo reproduzir a disposição dos anos 1990 no salão envidraçado. Mas, quatro décadas de ocupação permitem muitos arranjos e a instalação do Instituto enseja novos usos e atividades.

O projeto dos Bardi para a constituição do Instituto remonta à década de 1970. Em carta a Ettore Camisasca de 1976<sup>1</sup>, Pietro apresenta ao amigo na Itália croquis de uma posição possível para o anexo no terreno da Casa de Vidro (Figura 01). Este croqui assemelha-se a desenhos de estudos para uma ampliação sob e ao lado da casa, sem identificação ou data no acervo, publicados por Oliveira como sendo “estudos para ampliação da Casa de Vidro, realizados nos anos 1970, onde Lina propõe um pavilhão ao pé de sua residência” (Figura 03).

O processo de tombamento da Casa de Vidro foi iniciado pelo casal em 1986, tendo como objetivo a sua transformação em sede de um Instituto, sen-

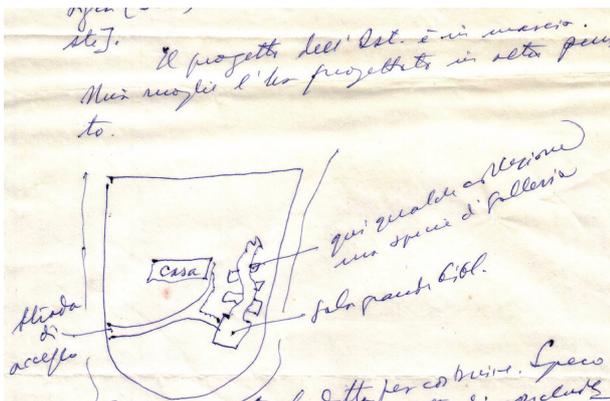


Figura 2 | Croqui realizado por Pietro Maria Bardi para sede para um instituto no terreno da Casa de Vidro  
Fonte: Cortesia Arquivo Ettore Camesasca, Milão



Figura 3 | Croqui realizado por Lina Bo Bardi para construção de uma sede para um instituto entre os pilotis da Casa de Vidro  
Fonte: Acervo Instituto Bardi

do acompanhado por desenhos de layout das instalações de gestão administrativa e atividades culturais no interior da casa, realizados por Marcelo Suzuki, sob orientação da arquiteta<sup>2</sup> (Figura 04).

A própria decisão de tombamento pelo CONDEPHAAT inclui a futura construção de um anexo para ser sede do Instituto, “prevendo ainda a construção de uma área para biblioteca e auditório”<sup>3</sup>.

Em carta ao Presidente do Condephaat que compões o processo de tombamento, Pietro Bardi desenvolve a proposta:

“Penso que a Casa do Morumbi, uma vez restaurada, às nossas custas, com seu jardim-florestal, poderia ser

ambientada com uma série de obras de arte de um certo valor, para um dia ser visitada por um público interessado em conhecer um trecho da história da renovação da museografia nacional.”<sup>4</sup>

Constata-se o desapego da arquiteta com sua própria obra, adaptando-a com liberdade para servir a esse novo uso cultural (Ceravolo e Anelli, 2018). Procedimento que aplicou também em seus restauros e adaptações de edifícios históricos, tais como o Solar do Unhão em Salvador ou a fábrica adequada para ser a sede do SESC Pompéia. Mesmo assim, ressalve-se que Pietro, na escritura de doação da casa ao Instituto, expressa que devem ser “mantidas as suas características residenciais, como era aliás, a vontade da Achillina Bo Bardi”<sup>5</sup>.



Figura 4 | Planta de adaptação realizados por Marcelo Suzuki, sob orientação de Lina Bo Bardi  
Fonte: Processo CONDEPHAAT n. 24938/86 Acessado em [www.arquitectura.fau.usp.br](http://www.arquitectura.fau.usp.br)

## A casa como espaço expositivo

Assim, a atividade expositiva desenvolvida atualmente pelo Instituto Bardi na Casa de Vidro não lhe é estranha. Tanto o uso do espaço para ensaios de museografia, quanto as propostas de doação, tombamento, ampliação e adaptação da casa para sede do Instituto já avançavam nessa direção. Mas a preservação do caráter residencial, conforme expresso no documento de doação, estabelece limites.

A planta livre da sala de estar permite a flexibilidade de ocupações, adequando-se a variados usos, ainda que se apresentem certos limites físicos. Alguns são decorrentes da disposição das paredes da escada, lareira, dos planos de vidro do vazio do jardim interno e da grelha dos pilares, que criam uma pauta geométrica para o espaço. Outro é constituído por obras de arte de dimensões que dificultam a sua movimentação, como as estátuas da Diana, o Buda, as mesas retangulares de mosaicos e a mesa de jantar. Mesmo assim, é importante considerar que essas obras, assim como o mobiliário, estiveram em diferentes locais da casa durante a vida do casal (Corato, 2013). Para preservar o caráter residencial é necessário reconhecer que ele se configurou de modo diverso ao longo dos quarenta e sete anos que o casal a habitou.

Após a remoção do espólio dos herdeiros, as lacunas deixadas explicitaram esse dilema. A residência não poderia mais se apresentar na sua integridade. Surgia a oportunidade de novos usos temporários. As primeiras exposições foram realizadas em 2012 e 2013, e procuraram ocupar interstícios do mobiliário ou do jardim, equilibrando sua presença com o que restava da disposição da sala quando da morte do casal (Anelli, 2014). A primeira exposição foi "The insides are on the outside", curada por Hans Ulrich Obrist, que atraiu dez mil visitantes em um período de 40 dias. O curador afirmava querer produzir ali seu entendimento de uma experiência de "obra de arte total", dialogando com os remanescentes da concepção museográfica e arquitetônica do casal Bardi. Apresentou-se ali o primeiro uso da residência como suporte para novas intervenções artísticas (Figura 05).

### O acervo em exposição

A segunda exposição abriu outra linha de ação, a de apresentar ao público itens do acervo de desenhos de projetos e documentos do Instituto Bardi. Como evento paralelo à X Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, que tinha como tema geral "Cidade, modos de fazer, modos de usar", foi selecionada para a exposição a proposta de Lina e seus colaboradores para o concurso de reurbanização do Vale do Anhangabaú (1981). Foi produzida uma maquete da proposta, reunidos os croquis de estudo e os desenhos da proposta. A disposição da



Figura 5 | "The insides are on the outside", exposição curada por Hans Ulrich Obrist, 2013  
Fonte: Foto Renato Anelli



Figura 6 | "Anhangabaú, Jardim Tropical", evento paralelo à X Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo  
Fonte: Curadoria e Fotos Renato Anelli

exposição no canto da sala, que era ocupado pela arquiteta em sua atividade projetual, pouco afetou o conjunto. Com pouco movimento do mobiliário, o restante da sala acolheu, além da exposição, um colóquio com palestras para um público de cinquenta pessoas (Figura 06).

A segunda exposição com itens do acervo foi realizada em abril de 2015, ainda como parte das comemorações do centenário da arquiteta. A exposição "Lina em Casa: Percursos"<sup>6</sup>, teve como objetivo mostrar a trajetória de transformação intelectual da arquiteta em seu espaço de vivência, doméstica e de trabalho. Para a exposição foi desenvolvido, pela arquiteta Marina Correia, um sistema de suportes construídos por painéis estruturado em delgados tubos metálicos. Foram testadas diferentes possibilidades de montagem, desde a primeira com a retirada completa do mobiliário e obras de arte, até a final, onde a exposição conviveu com os principais móveis e obras de arte na sala, no quarto de Lina, na varanda inferior e no jardim (Figura 07).

Este sistema expositivo foi utilizado mais duas vezes, a primeira em 2016, na exposição "O Impasse do Design, mobiliário de Lina Bo Bardi: 1958 – 1962"<sup>7</sup>.



Figura 7 | “Lina em Casa: Percursos”, exposição comemorativa do Centenário de Lina Bo Bardi, 2015

Fonte: Curadoria Anna Carboncini e Renato Anelli. Foto Renato Anelli



Figura 8 | “O Impasse do Design, mobiliário de Lina Bo Bardi: 1958 – 1962”, exposição curada por Renato

Fonte: Foto Renato Anelli

Nela foram apresentados desenhos e fotos nos suportes tubulares, e exemplares do mobiliário desse período, os quais não pertencem à decoração original da casa. Deve-se observar que no período abrangido pela exposição, Lina já havia abandonado o design para produção serial e vinha projetando cadeiras, mesas e bancos em madeira, como parte da arquitetura. Portanto, esse mobiliário tem uma relação direta com outra situação arquitetônica que não a da Casa de Vidro, onde a sua disposição gerou forte estranhamento. Mesmo sendo concebido pela mesma arquiteta, são notáveis as transformações de posicionamento da autora entre a década de 1940/1950 e as de 1960/1990 expressas nesses projetos de móveis e de arquitetura (Figura 08).

### Ampliando o escopo

A terceira utilização desses suportes ocorreu na exposição “Casas de Vidro”<sup>8</sup>, resultado de pesquisa comparando a casa dos Bardi com três casas contemporâneas situadas nos Estados Unidos: a Fransworth House de Mies Van Der Rohe, a Glass House de Philip Johnson e a Eames House de Ray e Charles Eames. Além de desenhos e fotografias, foram



Figura 9 | “Casas de Vidro”, 2017/18. Curadoria de Renato Anelli, co-curadoria de Ana Lúcia Ceravolo e Sol Camacho

Fonte: Foto Marina D’Imperio



Figura 10 | “O Jardim da Casa de Vidro: Projeto em Contínua Construção”, exposição inaugural da série “Acervo Aberto”, 2017

Fonte: Curadoria Sol Camacho. Foto Renato Anelli

produzidas três maquetes para cada casa. Uma em escala 1:200, apresentando a implantação da casa na paisagem, outra em escala 1:100, apresentando a estrutura interna de cada casa e a última em 1:5, apresentando os detalhes construtivos de uma esquina do volume e sua estrutura. Um espaço receptivo foi montado na garagem, onde vídeos com os curadores explicavam a exposição e um painel de quatro metros apresentava uma linha do tempo da arquitetura de vidro entre 1851 e 1952. Pelas dimensões das maquetes e quantidade de painéis, o mobiliário da parte maior da sala foi removido, restando apenas as estátuas da Diana e do Buda e o baú e estante de TV (Figura 09).

Ainda em setembro de 2017 foi testada um tipo de exposição com menor porte e complexidade visando a maior frequência de mostras. A proposta do “Acervo Aberto” pretende tornar corriqueira a exposição dos itens da coleção do Instituto, composto por mais de sete mil desenhos, quinze mil fotografias, livros, revistas e obras de artes, arquivados na Casa de Vidro. A primeira exposição “O Jardim da Casa de Vidro: Projeto em Contínua Construção” foi desenvolvida em parceria com a equipe de paisagistas

que desenvolve o projeto de conservação dentro do programa Keeping it Modern / The Getty Foundation, e fez parte das programações da Primavera de Museus do Ministério da Cultura (Figura 10).

### Exposições de arte

Em alternância às exposições de arquitetura relacionadas com a casa e seu acervo foram realizadas três exposições de artistas e designers. Os artistas Veronika Kellndorfer (setembro de 2015) e José Bechara (abril de 2016) expuseram obras que dialogam com a Casa de Vidro, inserindo-se em espaços da casa, dentro e fora, e no jardim. Kellndorfer pendurou um tecido com uma foto da cortina e piso da casa na parede externa, ocupando os dois pés-direitos. Bechara explorou luzes e cores sobre placas de vidro, oferecendo novos filtros para a transparência da casa (Figura 11).

Já a exposição “Commom Sense”, sob curadoria de Guta Campos (agosto de 2017), removeu os móveis do salão principal e dispôs objetos de Claudia Moreira Salles, Estúdio Campana, Fernando Brízio, Jasper Morrison, Michael Anastassiades, Miguel Vieira Baptista, Ronan & Erwan Bouroullec em expositores próprios, alinhados sobre o piso vazio. A mesma estratégia foi usada na exposição “O Jardim da Casa de Vidro”, alinhando mesas vitrinas por toda a extensão da sala. (Figura 12).

Entre todas as exposições artísticas realizadas até o momento na Casa de Vidro, a de Cláudia Jaguaribe é aquela que interage de modo mais profundo com a arquitetura. Instalada dentro da sala da casa, a exposição “No jardim de Lina” constrói um jogo de planos de vidro em paralelo à principal fachada, alternando tamanho e profundidade, de modo a conquistar a tridimensionalidade. Dispostos perpendicularmente ao percurso de entrada, as alternâncias dos planos envolvem os pilares, a vista para o jardim externo e uma das esculturas. Nos vidros, as fotos noturnas do jardim iluminado foram tiradas dos mesmos ângulos de vista que o visitante tem ao percorrer a obra. Representação e real se misturam, gerando estranhamento em relação à arquitetura, na sua relação casa e jardim. Aqui, o esvaziamento quase total da sala faz sentido, pois a obra dialoga com seu espaço naquilo que lhe é essencial – o pilar, a escultura, o caixilho, o piso azul celeste – para trazer a vegetação para a sala. Rompe com a bidimensionalidade do plano de vidro da fachada ao replica-lo em diferentes profundidades, criando uma faixa virtual de transparência não mais literal (Figura 13).

A prática das exposições na Casa de Vidro pode ser interpretada como extensão do objetivo expresso por Pietro quando do pedido de tombamento. Transformam a casa e jardim em um espaço para ambientar “obras de arte de um certo valor”. Contudo,

dependendo da curadoria e projeto expositivo, varia o grau de interferência na configuração da casa como espaço de memória da residência do próprio casal. E algumas vezes os projetos expositivos reduzem a possibilidade do público “conhecer um trecho da história da renovação da museografia nacional”.

### Um espaço a ser “tratado com pinças”: conflitos entre exposição e preservação

O debate sobre o uso da Casa de Vidro como espaço expositivo foi promovido no contexto da elaboração do plano de gestão da conservação apoiado pelo programa Keeping it Modern / The Getty Foun-



Figura 11 | Exposição de fotos de Veronika Kellndorfer, 2015  
Fonte: Foto Renato Anelli



Figura 12 | “Commom Sense”, 2017, exposição curada por Guta Campos  
Fonte: Foto Renato Anelli



Figura 13 | “No jardim de Lina”, 2018, exposição de Cláudia Jaguaribe.  
Fonte: Foto Renato Anelli

dition<sup>9</sup>. Professores, arquitetos e pesquisadores reuniram-se no estúdio da casa em fevereiro de 2018 e expressaram diferentes posições. Não se apresentou objeções à classificação da Casa de Vidro como casa-museu, conforme proposto pela equipe do projeto do plano de conservação, pois essa tipologia considera como bem cultural o conjunto edifício, coleção e proprietário (Ceravolo e Anelli, 2017).

A questão central concentrou-se nas potencialidades da relação das exposições como a arquitetura.

O professor José Lira foi claro ao destacar o valor de uma exposição como a Casas de Vidro, “que sugere olhares para o edifício, olhar a exposição e percorrer o edifício”, mas ressaltou que se tratando de um edifício dessa importância, é “preciso negociar com o espaço”<sup>10</sup>.

Mais contundente foi a crítica da professora Ana Vaz Milheiros, de Portugal, que afirmou:

“Quando as pessoas vem à casa da Lina, principalmente quando uma pessoa vem de fora, ela espera encontrar a casa da Lina, ela não espera encontrar a casa colonizada por outras coisas. As vezes as exposições, por mais bem intencionadas que elas sejam, podem ser pífias em relação à importância da casa. Qualquer exposição que seja aqui feita, tem de ser feita com um cuidado, um grau de

intencionalidade, com uma pesquisa, com um programa. Tem de ser tratada com pinças.”<sup>11</sup>

A expectativa dos visitantes das casas-museus em encontrar uma situação que remete a sua configuração criada pelos arquitetos e seus moradores transcende o caso paulistano. As conferências “Alternatives to the House Museum Model”, realizadas na 5th International Iconic Houses Conference trazem subsídios importantes ao tema.

Ao falar sobre as casas preservadas pelo *National Trust for Historic Preservation*, Katherine Malone-France, vice presidente dessa entidade, identifica o dilema entre a preservação do edifício e o legado dos arquitetos e doadores<sup>12</sup>. No caso da casa de Philip Johnson, ela destaca a vontade dos doadores, o próprio arquiteto e seu companheiro David Whitney, de que a preservação não fosse um “congelamento” da casa, mas sim que ela “evoluisse para continuar tendo vida”. Para esta e outras casas da *NTHP*, entre as quais se destaca a Farnsworth de Mies Van Der Rohe, a evolução significa instalações artísticas temporárias e eventos culturais nas casas. O foco não é apenas trazer um público internacional, atraído pela arquitetura, mas também estabelecer conexões com a vizinhança imediata, explorando suas amplas

áreas verdes. Também atualizações técnicas se fazem necessárias, como a troca dos vidros simples, do teto do jardim das esculturas da *Glass House* de Johnson, por vidro temperado. Ou mais complexas, como a instalação de um sistema de elevador hidráulico para elevar a casa Farnsworth quando das enchentes do rio Fox, cada vez mais altas e frequentes.

O debate brasileiro no âmbito de fóruns como o ICOMOS, o DOCOMOMO e as próprias casas-museus está sintonizado com esse dos Estados Unidos. Já em 2010 Márcio Doctors afirmava:

“O maior patrimônio de uma casa-museu é a própria atividade profissional daquele que queremos guardar a memória. O fundamental é criar condições para que seu ideal se mantenha vivo através de atividades correlatas” (Doctors, 2010).

O plano de gestão e conservação em fase de finalização, estabelece esse como o principal desafio: balancear a preservação da arquitetura e do paisagismo com a missão do Instituto Bardi, estabelecida pelos seus fundadores. Pelas características de entidade cultural privada, sem fins lucrativos, o Instituto Bardi/Casa de Vidro pode se tornar uma referência para a preservação de outros bens em condições análogas no Brasil. As exposições aqui apresentadas e aquelas planejadas nos próximos meses oferecem um leque amplo de opções para esse equilíbrio, sendo necessário escolher aquelas mais adequadas ao objetivo da instituição. Esperamos que este artigo contribua para a ampliação desse debate.

## Notas

<sup>1</sup> Carta Pietro Maria Bardi a Ettore Camesasca 02/10/1976 menciona o Instituto e apresenta um croqui de projeto, de próprio punho.

<sup>2</sup> Processo CONDEPHAAT n. 24938/86. O tombamento foi aprovado em reunião do colegiado do CONDEPHAAT em 1o. de Setembro de 1986. Acessado em [www.arquicultura.fau.usp.br](http://www.arquicultura.fau.usp.br)

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>5</sup> Escritura de doação, 3o. Cartório de Notas, São Paulo, 29/06/1995.

<sup>6</sup> Abril a Julho de 2015. Curadoria de Anna Carboncini e Renato Anelli. Patrocínio da Secretaria Estadual de Cultura.

<sup>7</sup> Maio a agosto de 2016. Curadoria de Renato Anelli, patrocínio MINC – Itaú Cultural.

<sup>8</sup> Outubro de 2017 a março de 2018. Curadoria de Renato Anelli, co-curadoria de Sol Camacho e Ana Lúcia Ceravolo, patrocínio PROAC Secretaria Estadual de Cultura e AGC indústria de vidros. A exposição foi produzida em parceria com o Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em São Carlos.

<sup>9</sup> Debate realizado no Estúdio da Casa de Vidro em 26 de fevereiro de 2018. Acessado em 29/08/2018 em [https://www.facebook.com/projetomarieta/videos/1521041558024035/?hc\\_ref=ARTb-FKxU77R-KO-zYdYDDP8q2GIWukwxs4K7ziD5bvYxs2gGFffH03PQDR-ga6pkuDc](https://www.facebook.com/projetomarieta/videos/1521041558024035/?hc_ref=ARTb-FKxU77R-KO-zYdYDDP8q2GIWukwxs4K7ziD5bvYxs2gGFffH03PQDR-ga6pkuDc)

<sup>10</sup> Debate realizado no Estúdio da Casa de Vidro em 26 de fevereiro de 2018, Op. Cit.

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> As conferências Alternatives to the House Museum Model, realizadas na 5th International Iconic Houses Conference em 15 de maio de 2018 estão disponíveis online no link <https://www.iconichouses.org/news/expert-meetings-2018> (acessado em 30 de julho de 2018).

## Referências Bibliográficas

ANELLI, Renato L. S. A Casa de Vidro como Espaço Expositivo. In: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Anais do III ENANPARQ. Natal: ANPARQ, 2014. v. 1. p. 1-12.

CERAVOLO, Ana Lúcia; ANELLI, Renato L. S. A alteração de função e a adequação de imóveis existentes, reflexões para instalar o Instituto Bardi e P. M. Bardi na Casa de Vidro. In: Simpósio Científico ICOMOS Brasil, Belo Horizonte, 2017. Acessado em 30/07/2018 em <https://www.even3.com.br/Anais/eventosicomos/58285-O-PLANO-DE-CONSERVACAO-COMO-INSTRUMENTO-PARA-GESTAO-INS-TITUCIONAL--REFLEXOES-A-PARTIR-DA-CASA-DE-VIDRO>

CERAVOLO, Ana Lúcia; ANELLI, Renato L. S. Un plan de conservación para la Casa de Vidrio de Lina Bo Bardi, São Paulo-Brasil. In: DOCOMOMO International Meeting Modern Heritage and Best Practices: Sustainability, Conservation, Management, and Architectural Design, Santiago, 2018.

CONDEPHAAT Processo n. 24938/86. Acessado em [www.arquicultura.fau.usp.br](http://www.arquicultura.fau.usp.br)

CORATO, Aline Coelho Sanches. Art, Architecture and Life: The Interior of Casa de Vidro, the House of Lina Bo Bardi and Pietro Maria Bardi. In MASSEY, A.; SPARKE, P. (Editors). *Biography, Identity and the Modern Interior*. Farnham, Ashgate Publishing Limited, 2013. p. 153.

DOCTORS, Márcio. Casa Museu como projeto de diversidade. In: I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010.

OLIVEIRA, Olívia. Lina Bo Bardi, Sutis Substâncias da Arquitetura. São Paulo, Romano Guerra, 2006. pp. 315-317.